



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CIDADE UNIVERSITARIA PROFº. JOSÉ ALOÍSIO CAMPOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

EDIMARA ALVES SANTOS

**INCLUSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PRESENTES NA ALFABETIZAÇÃO DE
ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO REGULAR**

São Cristóvão – SE
Maio/2016

EDIMARA ALVES SANTOS

**INCLUSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PRESENTES NA ALFABETIZAÇÃO DE
ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO REGULAR**

Monografia apresentada ao Departamento de
Educação da Universidade Federal de Sergipe
como requisito parcial para a Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cácia Santos
Souza

APROVADA: 19/05/2016

Profa. Ma. Margarida Maria Teles (UFS)
Examinador interno

Profa. Ma. Ana Cláudia Sousa Mendonça (UFS)
Examinador externo

Profa. Dra. Rita de Cácia Santos Souza (UFS)
Presidente

São Cristóvão– SE
Maio/ 2016

Dedico este trabalho a minha mãe Edilma, a meus irmãos Maicon, Willians, José Washington, a meu esposo Emerson, e aos meus sogros, Vânia e Wilson que tanto me incentivaram e apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por permitir que todos os dias esteja viva, e pela força, coragem e capacitação dada a mim diariamente para a elaboração e finalização deste trabalho.

À minha mãe Edilma, toda minha gratidão por sempre ter me apoiado e compartilhado desse objetivo comigo! Meus irmãos Maicon, Willian, José Washington por me darem força para continuar. Obrigada por todo apoio e compreensão. A minha enteada Maria Eduarda, minha cunhada Tatiane pelos momentos de paciência e inúmeros momentos de felicidade... Vocês todos são pessoas importantes e especiais em minha vida!

Ao Emerson, meu esposo e eterno namorado, que me incentivou a fazer deste sonho uma realidade. Agradeço pela ajuda, pela compreensão, pelo companheirismo e seu amor prestado a mim nos momentos em que eu mais precisei.

Aos meus sogros, Vânia e Wilson por todo apoio e compreensão, sempre que precisei estavam de prontidão para me ajudar, a vocês meu muito abrigado.

À minha orientadora, Rita de Cácia, pelo auxílio, paciência, carinho e doses de ânimo prestado a mim durante a realização deste trabalho; sem ela o caminho trilhado seria, com certeza, muito mais árduo.

A todos: Muito Obrigada!

LISTA DE SÍMBOLOS

| | |
|---------|---|
| UFS | Universidade Federal de Sergipe |
| APA | Associação Americana de Psiquiatria |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| LDBEN | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| TEA | Transtorno do Espectro Autístico |
| PEP-R | Perfil Psicoeducacional Revisar |
| AEE | Atendimento Especializado Educacional |
| AAC | Comunicação Alternativa e Aumentativa |
| TEACCH | Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children |
| ABA | Análise aplicada ao comportamento |
| PECS | Sistema de comunicação mediante troca de figura. |
| CID -10 | Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com Saúde |
| DSM -IV | Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais |
| TGD | Transtornos Globais do Desenvolvimento |
| BNC | Base Nacional Curricular Comum |
| APAE | Associação de pais e amigos dos excepcionais |
| CID-8 | Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com Saúde |
| CID-9- | Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas |
| TR | Relacionados com Saúde |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental |
| EJEM | Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio |
| TA | Atendimento especializado |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Prancha geométrica e Separação por cores e quantidades..... | 34 |
| Figura 2 - Cartões de comunicação | 34 |
| Figura 3 - Conhecendo e identificando os números..... | 35 |
| Figura 4- Torre rosa | 41 |
| Figura 5 - Encaixe sólidos..... | 41 |
| Figura 6 - Encaixe dos cilindros..... | 42 |
| Figura 7 - Cubo | 42 |
| Figura 8 - Prancha para compor as atividades e livro de atividades Montagem de objetos..... | 43 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|-----------------------------------|----|
| Gráfico 1 - Dados da escola | 36 |
| Gráfico 2 - Dados da escola | 37 |

LISTA DE TABELA

| | |
|---|----|
| Tabela 1- Horário de atendimento da sala de AEE período da manhã..... | 38 |
|---|----|

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de inclusão e as práticas pedagógicas presentes na alfabetização de alunos autistas no ensino regular em Sergipe. Compreendendo a trajetória sócio-histórica do autismo, enfatizando os direitos dos autistas assegurados por lei, tanto na Constituição Federal, Diretrizes e Bases da Educação-LDBEN nº 9.394/96 e a Lei nº 12.764, Dezembro de 2012- que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com o Transtorno do Espectro Autista, Base Nacional Curricular Comum (BNCC), Atendimento Educacional Especializado (AEE). A pesquisa é qualitativa, descritiva e ela busca entender os fenômenos específicos descrevendo os acontecimentos. Segundo Gil (2008) esse tipo de pesquisa utiliza-se da técnica padronizada de coleta de dados. Os objetivos são: descrever as práticas pedagógicas presentes na alfabetização de alunos autistas, analisar o processo de inclusão e de alfabetização de alunos autistas no ensino regular de Sergipe, relatar o processo de inclusão no ensino regular dos alunos com o Transtorno do Espectro Autista, compreender a relação do professor com o aluno autista e vice-versa. A pesquisa aborda a inclusão de alunos com autismos no ambiente escolar, relata aspectos das práticas pedagógicas existentes dentro da sala de aula, como os professores, a escola e como os pais agem diante desse processo inclusivo. Os métodos de ensino TEACCH, PECS e o ABA auxiliam no processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas, cada indivíduo tem suas especificidades dessa forma um método pode servir para um, mas, para o outro não. O estudo desenvolveu-se com base em leituras, fichamentos, monografia e fontes teóricas como: Barbosa (2011), Duboc (2004), Lacerda (2006), Souza (2005), Souza (2010), Cunha (2011/2013) e, entre outros, e leis que asseguram os direitos à educação. A pesquisa aponta que na instituição particular os alunos autistas são recebidos e, a escola busca se adequar as necessidades de cada um deles, porém em alguns casos há apenas a integração desse aluno na escola e não a inclusão.

Palavras – chave: Alfabetização. Educação Inclusiva. Instituições particulares. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This work aims to analyze the process of inclusion and pedagogical practices present in literacy autistic students in mainstream education in Sergipe. Understanding the socio-historical background of autism, emphasizing the rights of autistic guaranteed by law both in the Constitution, Guidelines and Bases of Education-LDBEN No. 9.394 / 96 and Law No. 12,764, December 2012- establishing the National Policy protection of the rights of Persons with Autism Spectrum Disorder, National Base Curriculum Common (BNC), Educational Service Specialist (ESA). The research is descriptive qualitative, it seeks to understand the specific phenomena describing the events. According to Gil (2008) this type of research is used the standard technique of data collection. The objectives are to describe the present teaching practices in literacy autistic students. Analyze the process of inclusion and literacy of autistic students in mainstream education of Sergipe. Report the process of inclusion in regular education students with Autistic Spectrum Disorder. Understand the teacher's relationship with the autistic student and vice versa. The research addresses the inclusion of students with autisms at school, reports on aspects of existing educational practices in the classroom, as teachers, the school and how parents act on this inclusive process. Teaching methods TEACCH, PECS and ABA assist in the teaching and learning of autistic students, each individual has its specificities that way a method can be used for one, but for the other does not. The study was developed based on readings, fichamentos, monographs and theoretical sources as Barbosa (2011), Duboc (2004), Lacerda (2006), Souza (2005), Souza (2010), Cunha (2011-2013) and among others, and laws that ensure the rights to education. The research shows that the private institution autistic students are received and the school seeks to suit the needs of each of them, but in some cases there is only the integration of that student in school and not inclusion.

Key - words: Literacy. Inclusive education. private institutions. Pedagogical practices.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | CONHECENDO O AUTISMO..... | 11 |
| 2.1 | BREVE HISTÓRICO SOBRE O AUTISMO | 11 |
| 3 | INCLUSÃO: COMO ACONTECE NO ENSINO REGULAR?..... | 18 |
| 4 | ALFABETIZAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS..... | 29 |
| 5 | ALFABEZIZAR ALUNOS AUTISTAS? O QUE FAZER? | 40 |
| | CONSIDERAÇÕES..... | 47 |
| | REFERÊNCIAS..... | 49 |
| | APÊNDICE | 51 |

INTRODUÇÃO

Diante de situações vividas no cotidiano de trabalho, iniciamos contato com dois alunos, um do sexo masculino com diagnóstico do espectro autista no grau médio e o outro do sexo feminino tem autismo no grau alto e síndrome de Dawn. O processo de inclusão e alfabetização de autistas ou alunos com TEA é um verdadeiro desafio, pois a cada dia aprendemos algo novo e lidar com as necessidades e particularidades desses alunos não é nada fácil.

Diante da experiência, surgiu o interesse em pesquisar sobre o processo de inclusão e alfabetização de alunos autistas no ensino regular de Sergipe. O professor alfabetizador de alunos autistas tem que construir materiais pedagógicos para auxiliar no processo de alfabetização e os estudos levaram-me a perceber que os materiais construídos por Maria Montessori são de grande contribuição. A escola e o professor recebe o aluno autista para incluir e alfabetizar, pergunto-me: como os alunos com autismo estão sendo incluídos nas salas de ensino regular em Sergipe? Quais as práticas pedagógicas presentes na alfabetização desses alunos?

Esta pesquisa teve como objetivos descrever as práticas pedagógicas presentes na alfabetização de alunos autistas; analisar o processo de inclusão e de alfabetização de alunos autistas no ensino regular de Sergipe; relatar o processo de inclusão no ensino regular dos alunos com o Transtorno do Espectro Autista; compreender a relação do professor com o aluno autista e vice versa. O autismo é uma síndrome única do ser humano e ela se desenvolve com mais facilidade no sexo masculino do que no sexo feminino.

A parte teórica desta pesquisa consiste no que ocorre no âmbito escolar para que o aluno seja incluído no ensino regular, com base no que é garantido pela Constituição Federal, Leis e Diretrizes da Educação e a Lei nº 12.764, de 27 dezembro de 2012, esta Lei assegura os direitos das pessoas com TEA, de forma que seja observado se de fato esses alunos estão sendo alfabetizados, quais práticas pedagógicas as professoras estão utilizando para com esses alunos e se há inclusão ou exclusão.

Para o referencial teórico e metodológico da pesquisa contou-se com a contribuição de alguns pesquisadores que desenvolvem pesquisas pertinentes ao tema Cunha (2011/2013) e Cagliari (1989).

O trabalho faz uma análise do processo de inclusão e das práticas pedagógicas presentes na alfabetização de alunos autistas no ensino regular em Sergipe, trazendo no seu contexto contribuições de grandes autores sobre o autismo, inclusão, práticas pedagógicas,

alfabetização e pesquisa de campo, auxiliando na fundamentação teórica. Por não haver livros que tratem das quatro temáticas juntas, pode contribuir para estudos futuros, pois reúne a discussão sobre várias temáticas que envolvem a educação da pessoa com autismo.

A pesquisa qualitativa busca entender os fenômenos específicos e ela se utiliza de experimentação empírica. A partir da análise detalhada, o pesquisador participa, compreende e interpreta o resultado. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva aponta as características de determinados acontecimentos, utilizando-se da técnica padronizada de coleta de dados, como questionário e observação.

No primeiro momento, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica com leituras de fichamentos, artigos científicos, monografias e dissertações sobre o tema abordado. No segundo momento, a pesquisa foi desenvolvida na escola através de observação com o registro no diário de campo e aplicação de questionário com os professores. No terceiro momento com o levantamento, análise de dados e das observações. O estudo teve como objeto o aluno autista no processo de inclusão e o professor junto com suas práticas pedagógicas de alfabetização no ensino regular de Sergipe. Ao abordar a inclusão e as práticas pedagógicas presentes na alfabetização de alunos autistas no ensino regular de Sergipe, o estudo fez menção a quatro seções. Seção I: Conhecendo o autismo - que trata da origem da palavra e de quem utilizou o termo pela primeira vez; Seção II: Inclusão no ensino regular - o que acontece - menciona algumas leis que asseguram os direitos dos autistas na educação; Seção III: Alfabetização e praticas pedagógicas - discute sobre o processo de alfabetização, as práticas pedagógicas dos professores com os alunos autistas dentro da sala de aula e quais os métodos utilizados para alfabetizar os autistas; Alfabetizar alunos autistas! Como fazer? Fala das práticas pedagógicas e algumas instruções de material para ajudar no processo de alfabetização.

1 CONHECENDO O AUTISMO

1.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O AUTISMO

A palavra autismo surgiu na Grécia é a junção das palavras gregas “autos” e “ismo” que formou a palavra autismo e significa por si mesmo. A utilização do termo autismo é designado na área da psiquiatria para diagnosticar comportamentos humanos centrados no próprio indivíduo. A palavra autismo surgiu na primeira vez com o psiquiatra Pouller, em 1906, para diagnosticar pacientes com esquizofrenia. Mais tarde, o Psiquiatra Bleuer, de etnia Suíça, utilizou o termo autismo em 1911 para relatar o comportamento das pessoas que fugiam do contato da realidade e retraimento. A característica desse comportamento era uma grande dificuldade de comunicação com as outras pessoas. Leyboer¹ (1987) definiu como autistas crianças que têm inaptidão para estabelecer relações normais com o outro; um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma capacidade de lhe dar um valor de comunicação.

Benenson² (1987) definiu a criança autista como: “sendo um prolongamento patológico e deformado do psiquismo fetal”. Ele utilizou essa definição porque em seus estudos concluiu que as crianças continuam se comportando como se estivesse dentro do útero da mãe e não no mundo exterior, seu comportamento é o de um feto.

Kanner, um psiquiatra austríaco que se naturalizou americano, fez sua primeira definição do termo autismo em 1943, em seu artigo “Distúrbios autísticos do contato afetivo” escreveu que “são chamadas autistas as crianças que tem inaptidão para estabelecer relações normais com o outro; um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma incapacidade de lhe dar valor de comunicação” (Leyboer, 1987, p. 9). Após essa definição, ele descreveu o autismo em três núcleos de transtornos que estão em vigor até os dias atuais. O primeiro deles trata do qualitativo da relação; o segundo, das alterações da comunicação e da linguagem; e o terceiro da falta de complexibilidade mental e comportamental. Essas três concepções são utilizadas para ajudar no diagnóstico do espectro autista utilizada pelo DSM-IV da Associação Americana de Psiquiatria (APA) e da CID-10³ da Organização Mundial da

¹ Marion Leboyer é doutora em Medicina e interna de hospitais de Paris, em suas pesquisas observa os aspectos clínicos, biológicos, psicológicos, psicodinâmicos e genéticos.

² Professor Dr. Rolando O. Benenson é médico – Psiquiatra durante 20 anos dedicou-se ao estudo, investigação, docência e treinamento de crianças autistas e de seus grupos familiares. Realizou suas investigações no Instituto de Nivelación Psicopedagógica de Buenos Aires.

³ CID 10 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com Saúde (conhecida também como Classificação Internacional de Doenças). Foi aprovada em uma Conferência Internacional

Saúde (OMS). A CID-8 e a CID-9 classificavam o autismo, respectivamente, como uma forma de esquizofrenia e como psicose infantil. O DSM-IV⁴ em seu esquema dispõe as especificidades do autismo e as características em termos universais, os quais servem de base no diagnóstico do autismo. O DSM-IV foi atualizado no ano de 2002 e passou a ter a nomenclatura DSM-IV- TR o qual é utilizado nos dias de hoje para descrever os critérios para diferenciar o autismo das outras categorias agrupadas no TGD⁵. Para Kanner “o autismo é uma patologia que se estruturava nos dois primeiros dias de vida, o que ocasionou o interesse da psicanálise nas relações da mãe com o bebê”. Os cientistas acreditam que o Transtorno do Espectro Autístico advém das alterações biológicas passadas de pais para os filhos ou não. O autismo engloba vários subtipos e, por se tratar de uma síndrome, os cinco órgãos do sentido estão fragmentados, ou seja, reduzidos. O DSM-IV-TR traz as seguintes condições:

1) Para que uma criança seja diagnosticada como autista é necessário que a mesma apresente sintomas que se enquadrem em pelo menos seis (ou mais itens) que avaliam comprometimentos qualitativos nas áreas de interação social, comunicação e padrões de comportamento, interesse ou atividades estereotipadas; 2) É preciso que seja identificado um atraso ou funcionamento anormal nas áreas de interação social, linguagem com fins de comunicação social e jogos simbólicos antes dos três anos de idade; 3) Apesar de ser reconhecido que o autismo pode ocorrer isoladamente ou em associação com outros distúrbios que afetam o funcionamento cerebral, tais como a Síndrome de Dawn ou a epilepsia, é necessário distingui-lo da Síndrome de Rett ou do Distúrbio Desintegrativo da Infância. (American Psychiatric Association DSM-IV-TR,2002, p 125.)

A sociedade começou a ver a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais com outra concepção a partir de meados do século XX. Antes desse período, o ensino especializado era oferecido em escolas ou classes especiais e esses alunos não podiam ter acesso às escolas “comuns”, pois acreditavam que eles não acompanhariam o ritmo dos outros alunos.

As pessoas com necessidades educacionais especiais até o século XVIII eram consideradas pessoas “diferentes”, por causa da deficiência que possuíam. O termo Educação do Anormal foi utilizado até as primeiras décadas do século XX, após esse período começou a utilizar o termo Educação Especial o qual é usado nos dias de hoje. As primeiras iniciativas voltadas aos direitos das pessoas com necessidades educacionais especiais começaram a

convocada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), realizada em Genebra no ano de 1989 e que entrou em vigor em janeiro de 1993.

⁴DSM IV – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais que foi publicado no ano de 1994 e elaborado pelos psiquiatras da Associação de Psiquiatria Norte-americana.

⁵ Transtornos Globais do Desenvolvimento

surgir no período do império no reinado de D. Pedro II com a ajuda de seu ministro. Analisando o percurso histórico da Educação Especial no Brasil percebe-se que foi a partir de meados do século XIX que a sociedade começou a defender a educação das pessoas com necessidades especiais. Praça (2011) relata que:

Sendo assim, em linhas gerais, deficiência é o termo usado para definir a ausência ou a disfunção de uma estrutura mental, sensorial, física ou múltipla; ou perda ou alterações em estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que comprometem a realização de certas atividades no meio social ou escolar. (p.18)

O IBGE⁶, no censo de 2000, fez a análise da proporção de pessoas com necessidades especiais. Não foi considerada como deficiência mental as perturbações ou doenças mentais como autismo, neurose, esquizofrenia e psicose, porém não consta especificamente a categoria autismo. No Brasil, nos de 1986 a 2000, 14,50% da população tem algum tipo de deficiência.

Em Sergipe, a Educação Especial começou a ser vista com outros olhos a partir da década de 1960, com a iniciativa de pais de crianças com necessidades especiais, criando assim a APAE⁷, uma entidade filantrópica com a finalidade de buscar garantir o direito dessas crianças à educação. Existem distúrbios que apresentam quadros autísticos como a síndrome de Asperger diferencia-se do autismo clássico por não apresentar retardo mental, atraso cognitivo e prejuízo na linguagem e são considerados como autistas de alto funcionamento (sábios). O Autismo Atípico é uma categoria que só deve ser utilizado quando existe um comprometimento grave e global do desenvolvimento e da interação social. O Transtorno de Reet não se sabe quais são as causas desse distúrbio, apresenta um grave retardo mental e os relatos até o momento apontam seu desenvolvimento apenas no sexo feminino. O Transtorno Desintegrativo da Infância é mais raro que o autismo e tem sintomas semelhantes ao de Rett, uma vez que é acompanhado por retardo mental e se desenvolve com mais incidência no sexo masculino.

O Transtorno do Espectro Autístico (TEA) pode aparecer logo nos primeiros dias de vida, entretanto os sintomas se tornam aparentes quando a criança está próxima de completar os três anos de idade, há uma falta de comunicação verbal e não gosta da troca de afetividade. Quando quer algum objeto ou fazer algo, ela tenta utilizar a mão de outra pessoa que esteja próximo a eles e tem dificuldades apresentar sinais visuais.

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁷ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

O comportamento da pessoa com o TEA⁸ varia e depende do nível de desenvolvimento, há um grande comprometimento do contato visual, expressões faciais, postura corporal. O autismo é considerado uma síndrome por apresentar vários subtipos. São características que surgem na infância e as crianças com autismo tem uma sensibilidade com os ruídos, barulhos, elas apresentam reações e procuram se isolar daquele ambiente com os braços e o corpo, fazem repetições e manuseio de materiais impróprios, não interagem normalmente com as outras pessoas e a relação interpessoal é comprometida. Cunha (2011) cita que:

Quando falamos do mundo autístico, reconhecemos as dificuldades na comunicação e na linguagem. É natural que alguns com a síndrome não atentem para a necessidade social de expressar-se, mais isso não significa que não sejam sensíveis e não procurem comunicar-se por outra via: a via afetiva. (p.78)

O comportamento autístico impõe rigidez e rotina no seu dia a dia, principalmente nos seus hábitos familiares. Para diagnosticar uma pessoa com autismo deve-se realizar diversos exames clínicos, avaliações e análises para ter um número considerável de informações para diagnosticar com precisão o paciente. Algumas características encontrada em pessoas com o Transtorno do Espectro Autístico de acordo com Cunha (2011 e 2013), Leyboer (1987) e Benenson(1987) são:

- Retrair-se e isolar-se das outras pessoas.
- Não manter o contato visual.
- Resistência ao contato físico.
- Resistência ao aprendizado
- Ecolalia (repetição de palavras).
- Não demonstrar medo diante de perigos reais.
- Agir como se fosse surda.
- Birras
- Compulsão.
- Não aceitar mudança na sua rotina.
- Usar as pessoas para pegar objetos.
- Hiperatividade física
- Agitação desordenada.

⁸ Transtorno do Espectro Autístico

- Calma excessiva.
- Apego e manuseio não apropriado de objetos.
- Movimentos circulares no corpo.
- Sensibilidade a barulho
- Estereotípias.
- Não manifestar interesse por brincadeiras de faz de conta.

O TEA é uma síndrome que altera o comportamento das áreas ligadas à comunicação verbal e não verbal, na relação com as pessoas, no distúrbio do desenvolvimento neuropsicológico e do comportamento em geral e nas ações simbólicas.

Há uma variação notável na expressão de sintomas no autismo. As crianças com funcionamento mais baixo são caracteristicamente mudas por completo ou, em grande parte, isoladas da interação social e com realização de poucas incursões sociais. No próximo nível, as crianças podem aceitar a interação social passivamente, mas não a procuram. Nesse nível, pode-se observar alguma linguagem espontânea. Entre as que possuem grau mais alto de funcionamento e são um pouco mais velhas, seu estilo de vida social é diferente, no sentido que elas podem interessar-se pela interação social, mas não podem iniciá-la ou mantê-la de forma típica. O estilo social de tais indivíduos foi denominado ‘ativo, mas estranho’, no sentido de que eles geralmente têm dificuldade de regular a interação social após essa ter começado. As características comportamentais do autismo se alteram durante o curso do desenvolvimento. (David, 2012 apud Klin, 2006, p. 6)

Os indivíduos com autismo são classificados em três grupos de acordo com Souza & Santos (2005), com a finalidade de estabelecer recursos e métodos apropriados para atender as necessidades específicas de cada um.

O primeiro grupo é o autista grave, são crianças que se isolam, não falam e repetem movimentos estereotipados frequentemente, não interagem com as outras pessoas, elas têm um déficit cognitivo que afeta a linguagem, a imaginação e a capacidade de associação.

O segundo grupo são os autistas clássicos, esses autistas não falam, apresentam dificuldade de compreensão, conseguem compreender enunciados simples, são voltados para si mesmos e não conseguem olhar nos olhos dos outros.

No terceiro grupo estão os portadores da Síndrome de Asperger, apresentam as mesmas características, mas, de forma reduzida, geralmente são verbais e inteligentes.

A criança com o Transtorno do Espectro Autístico (TEA) geralmente não consegue ter uma relação interpessoal, ela ignora e não reage diante do contato com as outras pessoas, não apresenta apego e contato físico como abraçar e beijar parecem não diferenciar os pais das outras pessoas. Entre os cinco e seis anos de idade pode mudar seu comportamento nas

relações interpessoais tendo uma ligação um pouco mais profunda com as pessoas mais próximas, porém essa relação irá depender de quem a cerca.

O Estado emocional da criança com o Transtorno do Espectro Autístico (TEA) pode ser alterado de um instante a outro em determinado momento ela pode ter uma crise de riso em outro em outro um choro incontrolável. Os pais na maioria das vezes só percebem os distúrbios nos filhos quando a criança está na fase da linguagem e na fase de se relacionar com os outros. Deve-se ficar atento quando há falta de linguagem, a criança não chora quando está no berço sozinha em nenhum momento. Se os pais pegam a criança no colo é indiferente, se enrijece ou fica mole, e pode desenvolver um choro inexplicável, parece não precisar da mãe, não sorri, nem resmunga, não é afetuosa, aos dois ou três anos procura estimulações sensoriais como ranger os dentes, esfregar e arranhar superfícies, olhar as mãos em movimento ou objetos com movimento circulares.

A coordenação motora abrange três aspectos do desenvolvimento (o motor, social e o cognitivo). A motricidade pode ser ou não comprometida na primeira idade. São chamadas de Anomalias e estereotípias (movimentos repetitivos e complexos) e envolvem o uso das mãos. Há crianças que seguram uma mão na outra, levam na altura do rosto movimentando-a na altura dos olhos e batendo-as repetidamente na boca por várias horas. Na maioria das vezes, os autistas caminham na ponta dos pés, se mordem ou se batem com frequência.

As crianças com o Transtorno do Espectro Autista desenvolvem estereotípias que comprometem o desenvolvimento motor da criança. As atividades pedagógicas devem ser desenvolvidas para inibir esses comportamentos, ensinando ao aluno o uso correto dos objetos. Neles devem-se estimular as sensações, pois são elas que irão despertar as percepções, através dos registros feitos pelo cérebro provocando e atenuando a capacidade do indivíduo associar, comparar e interpretar as próprias sensações, ajudando-o a desenvolver seus próprios pensamentos.

Os órgãos dos sentidos como o tato, audição e visão são bem sensíveis. Nos autistas eles tendem a serem hipersensíveis e estimulam sensações por meio do contato com o ambiente exterior. Geralmente os autistas não gostam de barulho, assustando-se com reações imediatas e tentam isolar-se do mundo externo, entretanto eles podem se achar atraídos por ruídos. Diante dessas sensações o professor deve tranquilizar o aluno e tentar estabelecer sua atenção para ele. O aluno autista deve ter seus materiais pedagógicos no campo visual e tátil, são eles quem trazem para seu contexto a percepção. O contato visual com objetos e com o auxílio do professor disponibilizando ao aluno experiências as formas e nomes dados aos

objetos conduz o olhar para aquilo que está fazendo prendendo a sua atenção naquela atividade.

Os autistas tem uma grande carência na sua capacidade de imaginar e simbolizar, por isso eles desenvolvem sua própria forma de se relacionar no meio em que vive. Uma criança “dita normal” aprende a funcionalidade de cada objeto, podendo simbolizar, por exemplo, um lápis de cor de giz de cera, para uma criança típica serve para pintar ou imaginar que é um carrinho, já o autista ele joga ou tenta come-lo. Para que os autistas possam compreender o significado e o contexto dos acontecimentos, as coisas precisam ter objetivo e função. Para isso terá que ser explicado a ele a funcionalidade do que está acontecendo, sendo objetivo e claro.

Cada autista possui características próprias, um geralmente não se comporta como o outro. Não existe cura para o autismo, apenas quando diagnosticado no início a pessoa pode obter uma melhora no seu quadro autístico, desde que faça o tratamento. Não há uma bula ou receita pronta. Para cada autista existe um tratamento diferente, pois cada um possui características diferentes. Leyboer (1987) menciona que o tratamento pode ser feito através de estimulação sensorial, modificação do comportamento, educação, tratamento à base de medicação, dietas suplementares. Cada terapia possui o seu grau de sucesso.

Os sintomas aparecem antes dos trinta meses de idade e podem ser caracterizados por falta de resposta social a outras pessoas, apresentam comprometimento da linguagem e da fala, ecolalia, desinteresse pelo aleitamento materno, agitação e choro. O PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisar) é um instrumento sistemático de descrever o comportamento da criança. Ele se utiliza de observações das áreas pertinentes ao autismo para poder se chegar a um diagnóstico como o relacionamento e afeto, brincar, interesse por materiais, respostas sensoriais e linguagem. Não é um teste definitivo. O PEP-R possui uma escala de comportamento que avalia o relacionamento, o material sensorial, linguagem e o comportamento: imitação, percepção, coordenação motora fina e grossa, integração do olho, mão, desempenho cognitivo verbal. No perfil de desenvolvimento de PEP-R, por exemplo, se uma criança tem sete anos, mas no resultado da escala pode apresentar uma idade global de quatro anos.

Assim, toda criança no âmbito escolar deve ser incluída dentro e fora da sala de aula por toda a comunidade escolar, o próximo capítulo discute o processo de inclusão dos alunos e principalmente dos estudantes autistas para dar ênfase na discussão são abordadas algumas leis que garantem o direito a educação e a permanência na escola.

2 INCLUSÃO: COMO ACONTECE NO ENSINO REGULAR?

Estudos e experiências constataam que alunos autistas encontram dificuldades de inclusão nas escolas, existe uma grande defasagem desses alunos e o desenvolvimento do ensino ainda não é o esperado. Ao avaliar esses alunos verifica-se que passam por um processo tardio de linguagem sofrendo atraso na aprendizagem, incluindo consequências emocionais, cognitivas e sociais. Lacerda (2006) argumenta que:

A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que pressupõe que essa integração/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas. (p.167)

É na escola que as crianças aprendem ou aperfeiçoam o uso da linguagem em diferentes contextos, ampliam as relações interpessoais, experimentam regras de convivência social, de formação de grupo e de valores sociais para a adaptação da vida em sociedade. Assim Praça (2011) afirma que:

O ambiente escolar, como uma instituição da sociedade deve, então, se adaptar e proporcionar aos alunos com necessidades especiais a oportunidade de conviver socialmente com os demais alunos, preparando-os para a vida futura em uma sociedade na qual ainda precisa eliminar o preconceito existente com as pessoas com alguma necessidade especial. (p.53)

O que diferencia um ser humano do outro são suas características, não existe ninguém igual, mas, mesmo tendo consciência disso, não sabemos conviver com as diferenças. No entanto, é o diferente que nos atrai, nos envolve, chama a nossa atenção. “A inclusão escolar tem como objetivo integrar os alunos com necessidades educacionais especiais no convívio social. Não podemos pensar em inclusão escolar, sem pensarmos em ambiente inclusivo” (Cunha, 2011. p. 100).

No contexto da Integração escolar da década de 1980, todas as crianças com deficiência tinham direito de participar de todos os programas educacionais e que as práticas integradoras traziam benefícios tanto para as crianças com deficiência como para as sem deficiência. Na mesma década, observou-se que os professores da Educação Especial não tinham interação com os alunos e que eles tinham menos oportunidade de desenvolvimento

nas atividades de ensino. A política de integração escolar era fragmentada e nem todos tinham acesso, diferente do conceito de inclusão⁹, a integração é o efeito dos alunos se adaptarem aos espaços escolares, às práticas dos professores, aos modelos de ensino.

O termo inclusão surgiu com muita intensidade nos anos de 1990, nas literaturas da América do Norte, mais especificamente nos Estados Unidos. A partir desse momento, surgiram duas propostas: a de que os alunos deveriam estar todos no ensino regular e eliminar o apoio da Educação Especial e a da educação inclusiva em que todos deveriam estar no ensino regular, porém permanecer com o apoio da Educação Especial. A LDBEN¹⁰ n.º 9.394/96 veio reafirmar a valorização da Educação Inclusiva e que a Educação Especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino. E que os sistemas de ensino deverão assegurar os recursos necessários para o aprendizado escolar, requerendo currículo, métodos e técnicas adequadas, recursos e organização, professores especializados e capacitados.

O processo de inclusão do ensino regular dos alunos autistas levanta várias questões de comportamento por parte dos alunos “ditos normais”, dos professores, da direção, dos pais de alunos e demais funcionários. Muitas vezes os alunos autistas são excluídos dos grupos formados nas salas de aulas, isso faz com que esse aluno excluído fique cada vez mais isolado. Desse modo, simplesmente por terem necessidades educacionais especiais, essa parte da população, e ainda marginalizada, é tachada de “doidos”, “doentinhos” pelos próprios colegas de sala ou até mesmo pelos próprios professores e pais. Duboc (2004) sustenta que:

A garantia de uma escola que eduque de fato, crianças, jovens e adultos, superando não só os efeitos da retenção e evasão, mas que lhes assegure o acesso ao mundo do conhecimento e o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã permitindo-lhes enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, tem sido um dos maiores desafios para os países na atualidade. (p.120)

As políticas de inclusão devem ser analisadas, tanto na teoria quanto na prática, e esses alunos que ingressam nas escolas de ensino regular geralmente ainda não tem acesso a professores capacitados e especializados e nem tecnologias assistivas para ajudar no processo de ensino-aprendizado. Barbosa (2011) considera que:

⁹ Incluir é as praticas e os espaços e os modelos de ensino devem se adaptar aos alunos.

¹⁰ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

No campo educacional as mudanças não estão acontecendo a contento. Enquanto as informações chegam velozmente, os professores insistem para que os alunos se prendam ao ensino livresco, continuem sendo meros repetidores de conhecimentos. É necessário que educadores acompanhem as inovações para introduzi-las na educação e aproveitar o que há de produtivo, reverter em conhecimento, levando os alunos a utilizarem os recursos tecnológicos não apenas como entretenimento, mas também como recurso mediador na aprendizagem. (p. 53)

A Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, de 1994, em Salamanca, foi a que mais contribuiu para alavancar a Educação Inclusiva em todo o mundo. Nessa conferência participaram noventa e dois governos e vinte Organizações Internacionais. Todos os países participantes deveriam atender todas as crianças tanto as ditas “normais” como as com necessidades especiais. Os alunos deveriam ser matriculados preferencialmente nas redes regulares de ensino, pois todas têm direito à educação. Cunha (2013) relata que:

As políticas oficiais de nosso País tem reconhecido o processo de inclusão como uma ação educacional que tem por meta possibilitar o ensino de acordo com as necessidades do indivíduo. “Buscam permitir o fornecimento de suporte de serviços por intermédio da formação e da atuação dos seus professores”. (2013, p. 37)

Segundo o Decreto Lei n.º 3.956/2001, no Art. 58, a Educação Especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para os alunos com necessidades educacionais.

No parágrafo primeiro diz que, quando for necessário, o aluno deverá ter apoio especializado na escola regular e para que possam ser atendidas as peculiaridades desses alunos. Já o parágrafo segundo afirma que será feito o atendimento em classes, escolas ou serviços especializados quando não for possível sua integração nas classes comuns do ensino regular. No terceiro parágrafo, a oferta à educação especial, é dever constitucional do Estado, atendendo a essas crianças na Educação Infantil. A nota técnica 15/2010- MEC/CGPEE/GAB diz que:

as instituições de ensino privadas, submetidas às normas gerais de educação nacional deverão efetivar a matrícula no ensino regular de todos os estudantes, independentemente da condição de deficiência física, sensorial e intelectual bem como ofertar o atendimento educacional especializado, promovendo a sua inclusão escolar.

A finalidade da BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2016) é sinalizar recursos de aprendizagem e desenvolvimento aos estudantes ao longo de sua vida escolar para que possam:

- Desenvolver, aperfeiçoar, reconhecer e valorizar suas qualidades, prezar e cultivar o convívio afetivo social fazer-se respeitar o outro, para que sejam apreciados sem discriminação por etnia, origem, idade, gênero, condição física e social, convicções ou credos.
- Participar e se aprazer em entretenimento de caráter social, afetivo, desportivo e cultural, estabelecer amizades, preparar e saborear conjuntamente refeições, cultivar o gosto por partilhar sentimentos e emoções, debater ideias e apreciar o humor, cuidar e se responsabilizar pela saúde e bem estar próprio e daqueles com quem convive, assim como promover o cuidado com os ambientes naturais e os de vivência social e profissional.
- Se expressar e interagir a partir da linguagem do corpo, da fala, da escrita, das artes, da matemática, das ciências humanas e da natureza.
- Situar sua família, comunidade e noção relativamente a eventos históricos recentes e passados, localizar seus espaços de vida e de origem, em escala regional e global.
- Experimentar vivências individuais e coletivas, em práticas corporais e intelectuais nas artes e em letras, em ciências humanas e da natureza e em matemática.
- Desenvolver critérios práticos, éticos e estéticos para mobilizar conhecimentos e se posicionar diante de questões e situações problemáticas de diferente natureza.
- Relacionar conceitos e procedimentos da cultura escolar, aqueles do seu contexto cultural; articular conhecimentos formais e as condições de seu meio, nos planos social, cultural e econômico.
- Debater e desenvolver ideias sobre a constituição e a evolução da vida da terra e do universo, nas diferentes organizações sociais e políticas passadas e atuais.
- Experimentar e desenvolver habilidades de trabalho, identificar suas potencialidades, possibilidades, perspectiva e preferências reconhecendo e buscando superar limitações próprias e de seu contexto, para dar realidade.

- Participar ativamente da vida social, cultural, e políticas, e de forma solidaria, crítica e propositiva, reconhecendo seus direitos e deveres.

A Educação Especial na perspectiva inclusiva e a Base Nacional Comum Curricular dizem que o direito da pessoa com deficiência à educação efetiva-se mediante a adoção de medidas necessárias para a sua participação em igualdade de condições com as demais pessoas, na comunidade em que vivem, promovendo oportunidades de desenvolvimento pessoal, social, e profissional, sem restringir sua participação em determinados ambientes e atividades com base na condição da deficiência. Assegura um sistema educacional em todos os níveis, bem como o aprendizado ao longo de sua vida. A concepção curricular contempla o reconhecimento e valorização da diversidade humana.

Os sistemas de ensino devem assegurar, em todos os níveis, etapas e modalidades, a acessibilidade à comunicação e a informação deve contemplar a comunicação oral, escrita e sinalizada.

- O Atendimento Educacional Especializado – AEE é um serviço da Educação Especial, que organiza atividades, recursos pedagógicos e de acessibilidade, de forma complementar ou suplementar à escolarização dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, matriculadas nas classes comuns do ensino regular.
- Estudo de caso é uma atividade do AEE onde se faz um estudo prévio das condições individuais do estudante, bem como das condições ambientais, sociais e pedagógicas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem.
- O Plano de AEE Consiste no planejamento das ações a serem desenvolvidas para atender as especialidades educacionais, a fim de promover condições de plenos acessos, participação e aprendizagem em igualdade de oportunidades.
- As estratégias para autonomia no ambiente escolar consistem no desenvolvimento de atividades, realizadas ou não com o apoio de recursos de tecnologia assistiva, de todos os bens – sociais, culturais, recreativos, esportivos entre outros – serviços e espaços disponíveis no ambiente escolar, com autonomia, independência e segurança.
- Ensino do uso da comunicação alternativa e aumentativa- CAA consiste na realização de atividades que ampliem os canais de comunicação com o objetivo de atender as necessidades comunicativas de fala, escrita dos

estudantes alguns exemplos são os cartões de comunicação, pranchas de comunicação com símbolos, pranchas alfabéticas e de palavras.

- Estratégias para o desenvolvimento de processos cognitivos – consiste na promoção de atividades que ampliem as estruturas cognitivas facilitadoras da aprendizagem nos diversos campos do conhecimento para o desenvolvimento da autonomia e independência do estudante no contexto escolar.
- Estratégias para o enriquecimento curricular – consiste na organização das práticas pedagógicas exploratórias suplementares ao currículo comum, que objetivam o aprofundamento e expansão nas diversas áreas do conhecimento.
- O profissional de apoio deve ser disponibilizado sempre que identificada a necessidade individual do estudante visando aos cuidados pessoais de alimentação, higiene e locomoção. O profissional só é disponibilizado quando o estudante não tem autonomia e independência para realizarem essas atividades.

De acordo com o Ministério da Educação (2016), as crianças na Educação Infantil são sujeitos históricos e de direitos, que brincam, imaginam, fantasiam, desejam, aprendem, observam, experimentam, narram, questionam e constroem sentidos sobre a natureza e sobre a sociedade, produzindo cultura. Seis grandes direitos de aprendizagem devem ser garantidos às crianças na Educação Infantil são eles:

- Conviver democraticamente com outras crianças e adultos e com eles interagir utilizando diferentes linguagens e ampliar o conhecimento e o respeito em relação à natureza, à cultura, à singularidade e às diferenças entre as pessoas.
- Brincar cotidianamente de diversas formas com diferentes parceiros, interagindo com culturas infantis, construindo conhecimentos e desenvolvendo sua imaginação, sua criatividade, suas capacidades emocionais, motoras e cognitivas e relacionais.
- Participar como protagonista, tanto no planejamento como na realização das atividades recorrentes da vida cotidiana, na escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo linguagens e elaborando conhecimentos.
- Explorar movimentos, gestos, sons, palavras, histórias, objetos, elementos da natureza e do ambiente urbano e do campo, interagindo com diferentes grupos ampliando seus saberes e linguagens.

- Comunicar com diferentes linguagens, opiniões, sentimentos e desejos, pedidos de ajuda, narrativas de experiências, registros de vivências e de conhecimentos, ao mesmo tempo em que aprende a compreender o que os outros lhe comunicam.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimentos nas diversas interações e brincadeiras vivenciadas na instituição de Educação Infantil.

A inclusão de alunos com autismo em escolas não especializadas tornou-se mais comum a partir da metade do século XX, antes de meados do século anteriormente citado os alunos portadores de deficiência estudavam em escolas ou classes especiais voltados para as especificidades de cada um.

No ensino do aluno com o espectro autista, não há metodologias ou técnicas salvadoras. Há sim grandes possibilidades de aprendizagem, considerando a função social e construtiva da escola. Entretanto, o ensino não precisa estar centrado nas funções formais e nos limites preestabelecidos pelo currículo escolar. Afinal a escola precisa se relacionar com a realidade do educando. Nessa relação, quem primeiro aprende é o professor e quem primeiro ensina é o aluno. (Op. Cit. p. 49)

A inclusão escolar traz um novo contexto e com ela ocorrem várias mudanças principalmente na relação social. A relação professor-aluno é muito importante para que o processo de inclusão seja bem sucedido. Conforme Cunha (2011) “A prática social é uma grande oportunidade para profissionais e familiares construírem um repertório de ações inclusivas para o aprendente com autismo” (p.57).

Segundo David (2012), o aluno autista apresenta inúmeras dificuldades em sala de aula. O autista não desenvolve uma relação interpessoal, ele não tem interesse pelas outras pessoas. Quando um autista é matriculado em uma escola, a interação social deve ocorrer para que sua educação seja completa. É papel da escola desenvolver a capacidade intelectual e o lado afetivo do autista. David (2012) nota que:

O desconhecimento das famílias e da comunidade escolar sobre como lidar com a educação do autista, somado à grande variedade de características do espectro do autismo, mostra que, pelo menos do ponto de vista educacional, a identidade do autista ainda está em construção. (p. 24)

A estrutura do ambiente escolar é primordial para a adaptação do aluno autista. A Constituição Federal de 1988 garante que o educando com necessidades especiais seja

matriculado preferencialmente em rede regular de ensino, e que ele tenha o atendimento especializado fora da classe comum. “A educação nas escolas inclusivas, independente do grau de severidade, deve ser vivenciada individualmente na sala de recursos e nas salas de ensino comum, favorecendo a sociabilidade porque incluir é aprender junto” (Cunha, 2011.p.32). O papel da escola é oferecer uma educação para todos, onde possam desenvolver a sua cidadania.

A sala de aula representa para o professor a sua prática. Implica o exercício do conhecimento que demanda o trabalho e a ação, contrapondo-se a presença amorfa de um ofício apenas burocrático. Não se inclui ninguém com uma pedagogia restritiva e em salas onde o professor interage consigo mesmo ou com o conteúdo de sua disciplina, enquanto os alunos dispersos e apáticos pensam durante as aulas em algo melhor para fazer. Por isso o exercício docente é primordialmente o trabalho, para adquirir a percepção que cada aluno aprende diferentemente e que nem todos têm as mesmas habilidades. (CUNHA, 2011. p. 101)

O professor sendo um profissional precisa ter, além da sua formação geral, a interdisciplinaridade para que possa auxiliar os seus alunos de forma plena. Segundo Cunha (2013), a atribuição do educador é a de promover e dispor de uma série de condições educativas em um ambiente expressamente preparado. Muitos professores quando postos diante de um aluno autista não sabem como agir, o que fazer. Não estão preparados suficientemente e não dispõem de recursos adequados para trabalhar. O método utilizado na alfabetização e as práticas pedagógicas devem estar voltados para o pleno desenvolvimento físico motor, psicológico e intelectual, desenvolvendo a aprendizagem do aluno de forma lúdica. Cunha (2013) aponta que:

A observação faz do professor um pesquisador, pois ele pode registrar o que vê, com a isenção de preconceitos. Certamente, a observação o levará a conhecer o educando, suas qualidades e, também, suas limitações. Inicia-se já na primeira entrevista com os pais ou com o próprio estudante. Todavia, não são as dificuldades que irão possuir maior peso, mas as virtudes e possibilidades sobre as quais virá o trabalho pedagógico. (p. 56)

A Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, no seu art. 1º institui a Política de Proteção dos Direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução. O Art. 3º, Inciso IV, garante o acesso à educação e ao ensino profissionalizante. O aluno que esteja matriculado no ensino regular e comprove a necessidade de ter um mediador especializado ele terá o seu direito estabelecido. Constata-se com base nos referenciais teóricos que os professores na sua grande maioria não estão

preparados para receber na escola e nem em sala de aula alunos com nenhum tipo de deficiência. Muitos ouviram apenas falar e quando se deparam com o aluno autista, não sabem o que fazer para incluir e alfabetizar e, por não saber como agir diante dessa realidade deixa o autista de lado, e esquece que ele está na sala de aula, como consequência, muitas vezes das ações do professor, o aluno não será incluído e nem alfabetizado.

O discente com autismo requer momentos de atenção para suas especificidades, pois eles necessitam no seu cotidiano de significados no que está sendo proposto nas suas atividades, além de que, os professores devem observar o que eles gostam e o que lhes chamam mais atenção, assim, o aprendizado desses alunos será mais proveitoso, prazeroso e não enfadonho e imposto. Nas salas de aulas, geralmente, os alunos com necessidades educacionais especiais são tachados de doentes, mas, o autismo não é uma doença e sim uma síndrome que ocorre no período de desenvolvimento da criança e perdura a vida inteira, porém, quanto antes ela for diagnosticada, acompanhada pelos especialistas e pela família a criança terá melhores condições de desenvolvimento tanto intelectual como social.

O ensino especial é inclusivo quando se ocupa da autonomia do aluno e o capacita para o ensino regular, para a vida familiar e para a vida social. Da mesma forma, o ensino regular cumpre seu papel quando atende a diversidade discente com equidade, sem preconceitos, observando as especificidades de cada indivíduo, buscando sua formação integral. Em razão disso a educação inclusiva é o resultado da prática pedagógica. [...] “O ensino inclusivo deve ocorrer em todas as instituições, pois inclusiva é a forma de ensinar”. (Op. Cit. 2013, p. 38)

A inclusão necessita da cooperação de toda a comunidade escolar. As crianças com autismo devem ter um cuidado maior dependendo do grau do autismo, às vezes necessitam de uma pessoa apenas para acompanhá-lo. Mas isso não quer dizer que o professor deve deixar a responsabilidade nas mãos do acompanhante especializado, pois é o professor que tem que incluir o aluno na sua turma e na escola, não é para deixá-lo no canto da sala jogado, e sim fazer com que ele se sinta parte da turma. Praça (2011) afirma que:

Através da inclusão de alunos com necessidades especiais nas escolas é possível desenvolver na cultura escolar o respeito às diferenças e conseqüentemente contribuir para diminuir ou eliminar o preconceito, que é uma das razões para se praticar a exclusão tanto na escola quanto na sociedade. (p.54)

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da pessoa com Transtorno do Espectro, Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, institui e estabelece diretrizes para sua consecução, é considerada pessoa com transtorno autista aquela portadora de síndrome clínica

caracterizada na forma de deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social, manifestada deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para a interação social tem direito ao acesso a educação e ao ensino profissionalizante. Em caso de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV, do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado. Nessa perspectiva, Giné (2004) mantém que:

A adaptação do currículo pode ser entendida como um processo compartilhado de tomada de decisões voltadas para ajustar a resposta educativa às diferentes características e necessidades dos alunos, tendo em vista assegurar-lhes o pleno acesso ao ensino e a cultura. Portanto, essas decisões devem ser tomadas no âmbito do projeto educacional da escola, do projeto curricular da etapa e paralelamente as programações da classe e devem participar delas tanto os profissionais envolvidos com o aluno como os outros profissionais. (p.287)

Os conteúdos devem ser analisados e adaptados à realidade do aluno, o mesmo não acompanha o ritmo dos outros alunos na hora de copiar atividades do quadro, eles não conseguem memorizar com rapidez, primeiro devem-se aprender as letras em forma de bastão para depois passar para a cursiva, pois, tem dificuldades com a coordenação motora, as letras em bastão requer menos esforço da coordenação motora fina.

Segundo Cunha (2011), “A autonomia dar-se-á, também, no âmbito pedagógico quando o aluno realizar atividades por iniciativas próprias ou, ainda que haja ajuda do professor, evidenciar criatividade e capacidade de resolução de problema” (p.58).

Ao iniciar as atividades, sempre começar pela que o aluno mais gosta, assim terá mais predisposição na execução das outras, não utilizar, no mesmo dia, atividades parecidas e enfadonhas, os alunos com autismo se cansam rápido das atividades que não lhes chamem a atenção, a interação com os outros alunos pode acontecer no momento das músicas cantadas na sala de aula, no intervalo, sempre colocar coleguinhas sentados próximos a ele, sempre chamar a atenção na hora que estiver explicando algum assunto, chamar o aluno pelo nome e inseri-lo no dia a dia da turma, colocá-lo na fila junto com os outros isso ajudará o aluno a se concentrar e participar.

O professor deve prestar a atenção nos alunos, porque geralmente eles quando pequenos tem dificuldades na fala, não é porque a criança ainda não fala, que ele não aprendeu, tem alunos que sabem contar, ler as vogais e as letras do alfabeto mesmo sem pronuncia- lá, quando ele está diante das letras do alfabeto e ele aponta o próprio dedo, ou utiliza o do professor para que ele pronuncie a letra.

A linguagem é um instrumento utilizado pela comunicação social, nos autistas é comum haver ecolalia (repetição de palavras), por ter dificuldade de entender os significados das palavras há uma repetição.

Neste sentido, as crianças autistas tem direito à educação no ensino regular, mesmo que necessitem ter um atendimento especializado em outro horário. No terceiro capítulo, serão abordadas as práticas pedagógicas e os métodos utilizados pelos professores dentro da sala de aula e na sala de AEE com profissionais especializados.

3 ALFABETIZAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Os professores não capacitados que se deparam com alunos autistas na sala de aula, geralmente não desenvolvem, criam, confeccionam recursos para auxiliá-los em suas aulas, dificultando o desenvolvimento na aprendizagem dos alunos autistas. Primeiramente o professor deve conversar com os pais, fazer algumas perguntas relacionadas ao aluno, como é o seu comportamento em casa com todos da família, como é a sua rotina, realizar atividades lúdicas e avaliar pedagogicamente tudo que foi visto, relatado e observado. Deve dar segurança ao aluno desde o momento em que ele chegou à escola. É através do contato com outras pessoas e do currículo escolar o educando pode descobrir: o afeto, a amizade, a importância que as outras pessoas tem em sua vida. Alfabetizar é o processo onde os alunos reconhecem o significado da leitura e escrita. Cagliari (2003) assinala que:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores, pois quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais. (p.09)

Cada pessoa tem seu próprio modo de aprender, está relacionado com o entendimento e reflexão que cada um faz sobre um determinado assunto, o individualismo traz consigo vários aspectos porque quando as pessoas fazem suas próprias reflexões ela está aprendendo. Cagliari (1989) defende que:

Aprender é um ato individual: cada um aprende segundo seu próprio metabolismo intelectual. A aprendizagem não se processa paralelamente ao ensino. O que é importante para quem ensina, pode não parecer tão importante para quem aprende. A ordem da aprendizagem é criada pelo indivíduo, de acordo com sua história de vida e, raramente, acompanha passo a passo a ordem do ensino. (p.37)

A aprendizagem é algo construído entre o professor e o aluno e para isso deve-se fazer a pergunta que primeiramente ele faz a si próprio. Como vou utilizar minha prática pedagógica diante da realidade do meu aluno autista? Para conhecer seu aluno o professor deve estabelecer algumas etapas, seguindo passo a passo, observando, avaliando e mediando. Diante das seguintes perguntas:

- Como estabelecer uma zona de contato com o aluno?
- O que devo saber para colocar em prática?
- Como agir diante de algumas situações inesperadas?

Os sistemas de ensino necessitam de formação de profissionais capacitados tanto humanamente como politicamente para exercer práticas educativas inclusivas. Alguns comportamentos do professor o ajudarão como metodologias alternativas pedagógicas:

- Não alterar a voz, falar baixo e calmamente.
- Corrigir o erro e não reprimir o aluno.
- Manter a disciplina nas atividades sem tentar imobilizar o aluno.
- Criar um vínculo de confiança.
- Observar o comportamento diário do aluno.

Observando, o professor torna-se um pesquisador, registrando o que vê, sem preconceitos. Essa observação fará com que conheça o aluno, suas qualidades e características e limitações. A observação surgiu da vontade de conhecer o aluno, geralmente quem identifica primeiramente o transtorno é o professor, essa observação ajuda a fazer o diagnóstico precoce.

O professor deve estar atento ao comportamento dos seus alunos, pois é ele quem pode primeiro identificar algumas predisposições à síndrome do autismo e, para isso, o professor necessita autoavaliar o comportamento dos alunos e o seu próprio, fazendo-se os seguintes questionamentos:

- Como é o comportamento do meu aluno?
- Onde, quando e por que ele ocorre?
- A sala de aula, as pessoas ou algum objeto são propício a este tipo de comportamento?
- É a rotina ou a quebra dela que interferem no seu comportamento?
- O seu comportamento está relacionado às questões sentimentais?

Para dar base empírica a pesquisa foi feita entrevistas e aplicação de questionário com alguns professores de sala do ensino regular e de AEE.

A professora na sua entrevista esclarece que “com alunos autistas deve-se haver uma rotina, porém algumas vezes ela é quebrada por causa do comportamento momentâneo do aluno”. (Professora da sala de AEE da rede Municipal).

É necessário que haja uma rotina e sempre aos términos das atividades o professor deve elogiar e incentivar o aluno, propor atividades que ele goste de realizar. As atividades não podem ser longas porque o autista tem dificuldade de concentração aos poucos o professor vai possibilitando um tempo maior para que conclua a atividade e com isso proporciona ao aluno a capacidade de aumentar a sua concentração. O objetivo de trabalhar a concentração do aluno é para que ele possa ordenar as informações e seus pensamentos.

A professora B na sua entrevista relata “que as estratégias são modificadas à medida que o aluno vai se desenvolvendo, ou necessite de outras estratégias para modificar algum comportamento”. (Professora da sala de AEE da rede Estadual).

Os autistas são pessoas sensíveis, qualquer comportamento diferenciado, até mesmo um gesto, deixa-os irritados e sem vontade de fazer mais nada, até reverter esse quadro junto com ele, o professor deve ser um mediador para achar uma solução (vou tomar como exemplo o meu aluno LF da turma do 2º ano, todos os dias quando ele chega eu dou boa tarde e um beijo na cabeça dele, um dia terça feira a turma tem aula de inglês no primeiro horário, e LF estava emburrado sem querer fazer as atividades com a outra professora, ele veio até mim e disse eu não fiz nada porque a senhora não veio falar comigo, eu pedi desculpa e lhe dei dois beijos na cabeça, depois disso ele começou a fazer as atividades, ele é diagnosticado com autismo leve. Dando atenção e carinho consigo reverter os momentos em que ele está irritado com alguma coisa, as vezes ele começa a chorar e reclamar do barulho, e também percebo quando coloca as mãos nos ouvidos.

No programa criado por Maria Montessori¹¹ as crianças necessitam de um ambiente apropriado onde possam viver e aprender. A principal característica do programa pedagógico desenvolvido por Montessori é que se deve dar a mesma importância tanto ao desenvolvimento interno como ao externo, um complementado o outro. Montessori utilizou em seu processo educativo inicial materiais didáticos padronizados. As casas das crianças por Montessori eram especialmente equipadas para atender as necessidades das crianças, tudo era adaptado. O princípio fundamental na casa das crianças era a autonomia e a disciplina sendo

¹¹ Maria Montessori nasceu em 1870 em Chiaravalle, próximo à Ancone, na Itália, e morreu em 1952 em Nordwijk, na Holanda. Foi a primeira mulher italiana a concluir o curso de medicina em 1896. Em 1900, ela trabalhou na Scuola Magistrale Ortofrenica, instituto encarregado da formação dos educadores das escolas para crianças deficientes e retardadas mentais.(Rohrs, 2010).

que a segunda não era imposta pelo meio exterior e sim partia do próprio indivíduo sendo capaz de seguir as regras por si mesmo.

Os exercícios aplicados por Montessori eram de paciência e repetição com o objetivo de desenvolver nas crianças a concentração para que pudessem perceber o que elas estavam fazendo.

A avaliação é a verificação do desempenho do aluno, utilizando como instrumento de avaliação o trabalho pedagógico, para poder planejar com que será feito posteriormente. Avaliar nada mais é do que uma ação utilizada para compreender o comportamento do aluno no seu processo de ensino aprendizagem. Para avaliar o aluno podem-se utilizar jogos, desenhos e pareamentos. Com essas atividades pode-se verificar como o aluno se comporta diante dos desafios que a atividade lhe oferece. Vínculos afetivos e interesse relacionados ao espaço escolar e familiar, a motricidade por meio de atividades gráficas, investigar o raciocínio lógico, lateralidade, coordenação visório- motoras.

Nas suas atividades o professor deve se atentar a alguns itens como:

- Propor atividades que façam sentido para os alunos.
- Deve propor atividades que estimulem a socialização com os outros alunos.
- As atividades propostas devem explorar seus sentidos verbais e cognitivos.
- Acompanhar suas atividades.
- Trabalhar junto com a família.

A mediação é um ato pedagógico que utiliza como ferramentas a observação e a avaliação para provocar estímulo e resposta aos discentes. Ela intervém na relação entre o conhecimento e o aluno. Cunha (2013) salienta que:

O nosso cotidiano é feito de coisas simples. Quanto mais associamos a prática escolar a conteúdos significantes, mais tornamos a experiência do aprendizado profícua. A aprendizagem significativa não somente generaliza o aprendizado, mas igualmente o aluno generalizar a experiência escolar. (p. 22)

O aluno com autismo tem dificuldade no período de alfabetização principalmente na coordenação motora, alguns utilizam tudo que tem na mão para jogar, como: lápis, livro, caderno, sapato além de bater no colega, mas isso é só uma questão de contato, tudo é novo para ele, por isso precisa-se, nos primeiros dias e meses, de um acompanhamento mais cauteloso e sempre explicar para os alunos e pais como será esse processo de adaptação tanto

do aluno autista como da turma, o aluno autista também gosta de chamar a atenção para si.

Quando o autista não quer mais fazer o que estava sendo proposto ele costuma empurrar as atividades dizendo que não quer mais fazer, o professor deve trocar de atividade, pois eles se cansam muito rápido por isso professor deve planejar bem as atividades e que sejam adequadas a sua realidade.

Não há um consenso quanto à forma de tratamento e cada indivíduo tem suas próprias características, cada um recebe um tratamento diferente nunca um é igual ao outro. Existem três métodos utilizados no tratamento do autismo, desenvolvidas através de intervenções comportamentais por não existir ainda uma única abordagem no tratamento do Espectro Autístico. Os métodos utilizados são o TEACCH¹² (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children), o ABA¹³ (Análise aplicada ao comportamento) e o PECS¹⁴ (Sistema de comunicação mediante troca de figura).

TEACCH foi criado pelos americanos utiliza uma avaliação chamada de PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado). Esse método é utilizado por muitos países, ele se utiliza do método avaliativo, levando em consideração os pontos fortes e fracos de acordo com a dificuldade do autista, suas tarefas são aplicadas individualmente. Tem a finalidade de desenvolver a autonomia do autista para que ele seja independente nas atividades do seu cotidiano. O TEACCH está baseado na organização do espaço físico e suas rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas para que o autista possa compreendê-lo. O TEACCH é um método que permite que o autista crie um significado do que está sendo visto. O seu objetivo é fornecer ao autista autonomia.

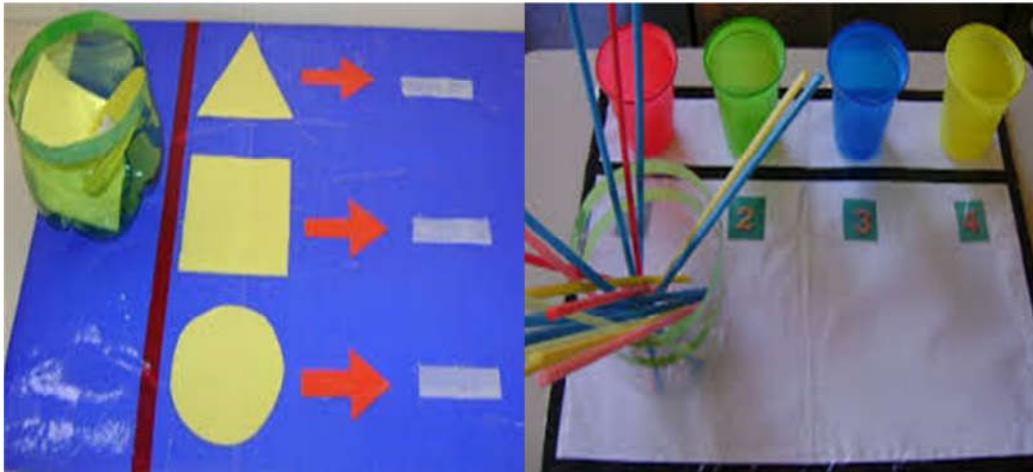
¹² Tratamento e educação para autistas e crianças com distúrbios correlatos da comunicação - O TEACCH foi desenvolvido pelos americanos no Departamento Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, foi desenvolvido pelo Dr. Eric Schoppler, nos dias atuais o responsável é o Dr. Gary Mesibov

¹³ Análise aplicada ao comportamento

¹⁴ Sistema de comunicação mediante troca de figura

Esses três métodos abrangem tarefas que podem ser utilizadas pela família e pela escola, além de fazer uma interligação com os três métodos de acordo com o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Figura 1 - Prancha geométrica e Separação por cores e quantidades



Fonte: Acervo da autora

O PECS é utilizado com autistas de baixa eficiência de comunicação, procurando estimulá-lo a comunicar-se utilizando figuras, esse método utiliza apenas cartões podendo ser aplicado em qualquer ambiente, aplicando a linguagem não verbal com indivíduos que não falam.

Figura 2 - Cartões de comunicação



Fonte: Acervo da autora

O método ABA surgiu do âmbito behaviorista com o objetivo de observar, analisar e explicar a associação entre o ambiente, o comportamento e aprendizagem do ser humano. Esse método utiliza-se de técnicas de modificação do comportamento, sua principal finalidade é ensinar para os autistas habilidades que ele ainda não possui, por meio de etapas registradas. As habilidades são apresentadas fazendo a associação a uma indicação ou instrução dando

apoio quando necessário para obtenção da resposta e esse apoio deve ser retirado logo que possível para que o autista tenha autonomia.

O ABA frequentemente começa em casa quando a criança é pequena, também pode ser utilizada por jovens e adultos. As sessões geralmente são individuais de 30 a 40 minutos semanais, ele rejeita punções e valoriza a premiação do comportamento desejado e englobam as habilidades econômicas, de linguagem, sociais, cuidados pessoais, motoras e de brincar.

Figura 3 - Conhecendo e identificando os números



Fonte: Acervo da autora

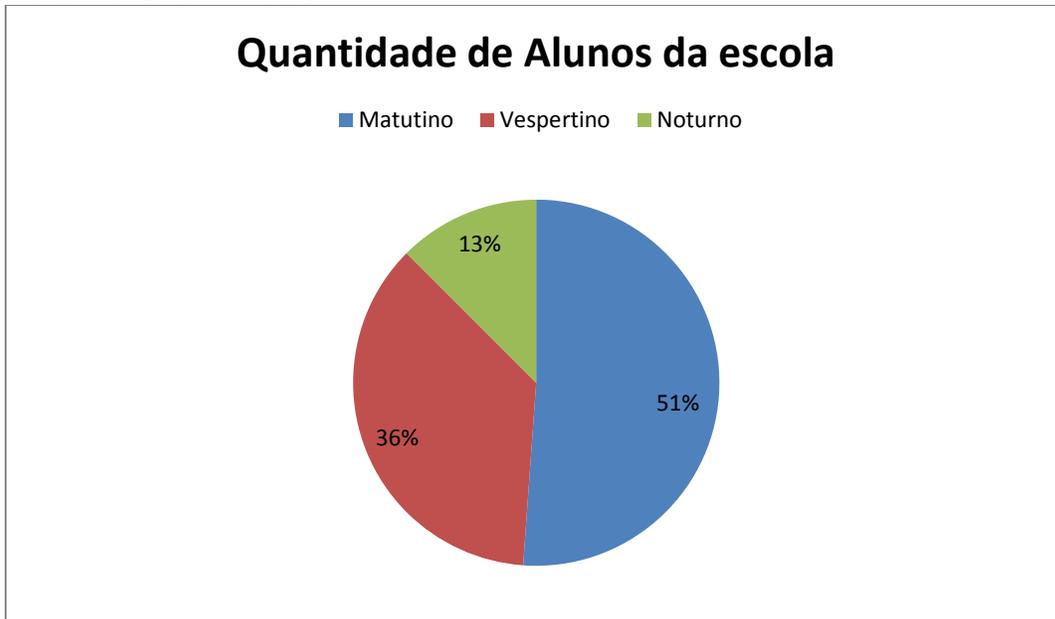
Diante disto, neste estudo, com o objetivo de realizar uma sondagem sobre as práticas pedagógicas presentes na alfabetização de alunos autistas, foi aplicado um questionário com o professor (a) com a finalidade de analisar suas práticas. O questionário constou de itens de identificação com doze questões abertas. Os itens de identificação levados em consideração são idade, sexo, e formação.

A pesquisa ocorreu no ano de 2015, entre os meses de novembro e dezembro e, em 2016, nos meses de fevereiro e março, no colégio C situado no município de Nossa Senhora do Socorro no conjunto Marcos Freire II, é uma instituição privada de médio porte, atende da Educação Infantil ao Ensino Médio, EJA- Educação de Jovens e Adultos, EJEM – Educação de Jovens do Ensino Médio e Pré-Enem. Têm em média 800 alunos matriculados, o quadro de pessoal é formado por professores licenciados e pedagogos, administração, coordenação, direção, Psicopedagogas, e responsáveis por manter o ambiente limpo e organizado, e o pessoal do refeitório, vigilante, porteiros, digitador.

Quanto ao espaço físico, havia 12 salas de aula, banheiros no térreo e primeiro andar tanto masculino quanto feminino, biblioteca, sala de informática, sala de AEE, sala dos professores, sala da coordenação, banheiros para os professores no térreo e no primeiro andar, almoxarifado, secretaria, sala de copias, sala de digitação, quadra, cantina e sala da direção,

pátio. As salas são decoradas, os materiais para as atividades são pedidos à coordenação com uma semana de antecedência para que sejam desenvolvidas as atividades da respectiva semana, há brinquedos na sala, as aulas são teóricas e práticas, há brinquedos no pátio como escorregadeira, casinhas, casinha de bolinhas, brinquedos de balanço. A escola funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno).

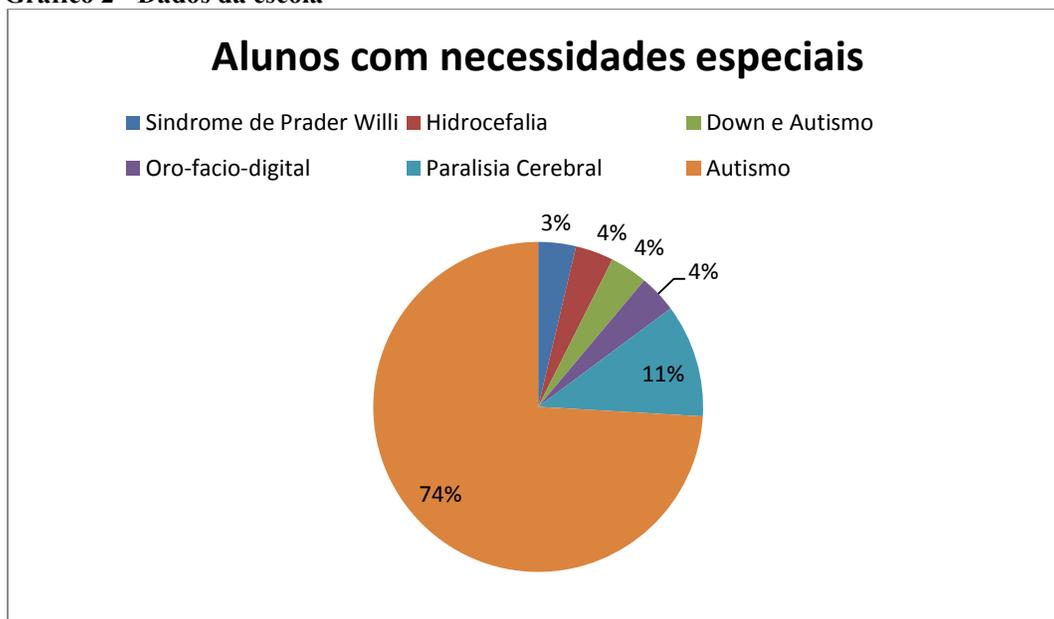
Gráfico 1 - Dados da escola



Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico mostra a porcentagem de alunos que estudam no colégio C. A instituição só recebe alunos especiais que já possuam um relatório médico com o diagnóstico e são matriculados nas classes regulares. Nesse período foram feitas observações das práticas pedagógicas das professoras com os alunos autistas. Os alunos diagnosticados com autismo grave, esses precisam de uma TA, esses autistas recebem a atenção da TA, ela é responsável pelo seu aprendizado e desenvolvimento cognitivo. Os diagnosticados com a síndrome de Asperger são verbais e inteligentes e, interagem melhor tanto com o professor quanto com os colegas. Observa-se que eles querem fazer tudo no seu tempo. Na sala de aula é aplicado o método PECS, TEACCH, ABA. O primeiro é utilizado através da metodologia de mostrar imagens para dar significado ao aprendizado dos alunos. Já o segundo é quando promove a socialização através da comunicação com os alunos. O Terceiro registra em relatórios todos os comportamentos possíveis do autista.

Gráfico 2 - Dados da escola



Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico mostra a quantidade de alunos com necessidades especiais matriculados no colégio C.

Foi observado que os autistas ficavam mais ao fundo da sala sem muita atenção no primeiro mês da pesquisa no ano de 2015, às vezes esses alunos só recebiam atenção apenas na hora de realizar algumas atividades, eles possuem livros de acordo com o seu nível de aprendizagem e em outros casos livros adaptados com o método TEACCH com figuras. Já no segundo mês de observação e no ano de 2016 esses alunos passaram a ser mais vistos pelos professores eles já estão sentados mais a frente onde pode interagir melhor com o professor e os colegas.

Fiz observação nas salas da educação infantil até o segundo ano, as turmas são diversificadas, na educação infantil na sala do maternal havia três professoras e quando precisam recebem auxílio da coordenação, do jardim ao primeiro ano são duas professoras e no segundo ano uma professora e as salas onde há alunos com autistas que necessitam do profissional de apoio é o caso de dois alunos. Um estava no segundo ano e o outro no Infantil.

Na instituição onde foi realizada a pesquisa, há profissionais especializados que orientam os profissionais da escola para que haja de fato a inclusão dos alunos. Na sala de AEE todos os alunos com necessidades especiais são atendidos. Cada atendimento individual dura cerca de 30 minutos. Dependendo da demanda cada aluno é atendido 3 a 4 vezes por semana. Os métodos utilizados na sala de AEE são o PECS e o ABA. Todos os dias a cada

atendimento tem-se que fazer um relatório das observações diárias do comportamento e do desenvolvimento nas atividades. A professora da sala de aula regular e da sala de recursos trocam experiências a fim de melhorar o aprendizado dos alunos.

Tabela 1- Horário de atendimento da sala de AEE período da manhã

| Horário | Segunda-feira | Terça-feira | Quarta-feira | Quinta- feira | Sexta- feira |
|-------------|---------------|-------------|--------------|---------------|--------------|
| 7:00-7:30 | VG | V | VG | V | I |
| 7:30-8:00 | AL | D | AL | D | M |
| 8:00-8:30 | P | J | P | J | L |
| 8:30-9:00 | M | L | M | L | A |
| 9:30-10:00 | I | N | I | N | C |
| 10:00-10:30 | C | H | C | H | V |
| 10:30-11:00 | G | B | G | B | AL |

Fonte: Acervo da autora

A tabela mostra os horários em que os alunos são atendidos no período matutino na sala de AEE. No colégio particular os pais cobram da escola um retorno positivo já que eles estão pagando, a sala de AEE deve estar bem equipada para o atendimento especializado, o imobiliário deve estar ao alcance das crianças, deve ter um horário individualizado. Os métodos utilizados devem estar de acordo com as especialidades do aluno, dentro da sala de aula deve ficar o mais próximo possível do professor, participar das aulas e interagir com os outros colegas. A sala de aula é um ambiente estruturado e adequado para o aprendizado. O professor deve estabelecer uma rotina para o aluno e dar muita atenção.

As atividades desenvolvidas devem ter caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico: O terapêutico é para superar os comportamentos indesejáveis que são provenientes do comprometimento autístico, para que ele possa ter uma melhor qualidade de vida. O Afetivo é para criar um vínculo com a aprendizagem tanto com o professor e a escola, através do interesse e desejo com atividades lúdicas e educativas. No que diz respeito ao social proporcionar uma experiência em grupo, por meio das atividades de sala de aula, no pedagógico as atividades devem estar voltadas à sua história pessoal.

De qualquer forma, os métodos ABA, TEACCH e o PECS não são desenvolvidos ao mesmo tempo e cada autista reage de forma diferenciada diante de cada método, e não se deve rotular, cada um tem sua forma de aprender.

De qualquer forma, os professores precisam conhecer os três métodos ABA, PECS, TEACCH para terem um bom êxito e saber quais as especificidades de cada um para poder aplicar o método corretamente, além de saberem que os resultados vão aparecendo no ritmo de aprendizagem do autista. No capítulo 4, será abordado como acontece o processo de alfabetização com os autistas.

4 ALFABETIZAR ALUNOS AUTISTAS? O QUE FAZER?

Os materiais pedagógicos utilizados em sala ou na sala de recursos que exploram o sistema sensorial são naturalmente estimulantes. Ao rasgar o papel, do barulho que o próprio realiza, a criança está desenvolvendo as sensações sensoriais. Brincar com água desenvolve a sua coordenação motora fina. Os materiais de construção de conhecimento, como os encaixes geométricos desenvolvidos por Montessori, auxiliam os alunos em conhecer tamanhos, espessuras e peso, e com o tempo esses alunos desenvolverão habilidades cognitivas no seu próprio tempo de reação aos estímulos oferecidos pelo material e pela ajuda dos professores à criança se tornarem mais ágeis. Cunha (2013) reforça que:

No ensino do aluno com o espectro autista, não há metodologias ou técnicas salvadoras. Há, sim, grandes possibilidades de aprendizagem, considerando a função social e construtivista da escola. Entretanto, o ensino não precisa estar centrado nas funções formais e nos limites preestabelecidos pelo currículo escolar. Afinal, a escola necessita se relacionar com a realidade do educando. “Nessa relação, quem primeiro aprende é o professor e quem primeiro ensina é o aluno”. (p. 49)

A torre rosa é um material pedagógico composta por cubos geométricos de tamanhos diferentes, montados uns sobre o outro, do maior para o menor, até formar uma torre, utilizada por professores para auxiliar no processo de alfabetização ajudando o aluno a desenvolver a coordenação motora, e concentração, situações de equilíbrio e concepções de perto, longe, pequeno e grande, atrás e frente, baixo e alto, direita e esquerda. Os materiais de desenvolvimento foram criados para qualquer aluno utilizá-los. De acordo com Cunha (2011) “O material não é o conteúdo curricular, mas é o instrumento que estimula o aluno, possibilitando-lhe que ele refine seu aprendizado até atingir as elaborações cognitivas e motoras mais elevadas” (p.66). Os recursos auxiliam a professora no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, fazendo com que eles desenvolvam melhor sua autonomia e assimilem melhor o que está sendo ensinado.

Figura 4- Torre rosa



Fonte: <https://www.google.com.br/imgres?>

Os encaixes sólidos geométricos sua estrutura é desenvolvida em tamanho, espessura e peso, estimula o cognitivo das crianças, o aluno autista ao utiliza-lo obedece seu próprio raciocínios e aos poucos ele aprende a encaixa-lo obedecendo a espessura, tamanho e ao peso e descobre as formas geométricas.

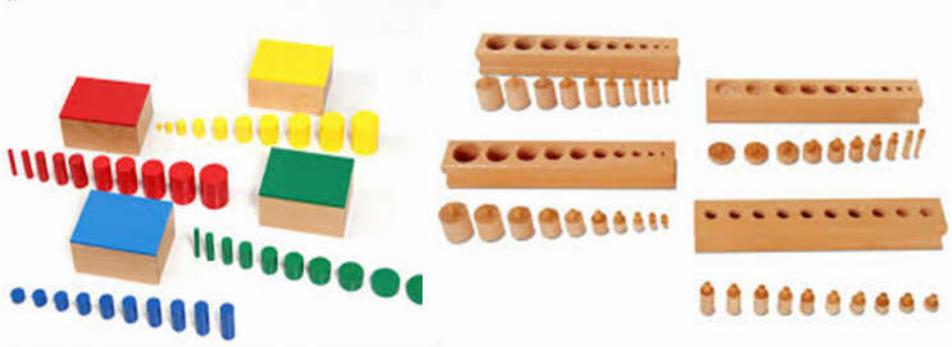
Figura 5 - Encaixe sólidos



Fonte: <https://www.google.com.br/imgres?>

Os cilindros são de diferentes tamanhos e cortes, devem ser introduzidos nas cavidades adaptadas tendo uma única forma de encaixe. Tem o objetivo de a criança aprender com seus próprios erros, quando o cilindro não puder ser encaixado.

Figura 6 - Encaixe dos cilindros



Fonte: <https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fflarmontessori.>

Os cubos proporcionam aos alunos a descoberta da matemática, desenvolve a concentração e trabalha com a ludicidade através das cores e formatos do material. Todo o material deve ter funções cognitivas e motoras. O mobiliário deve estar proporcional à altura dos alunos. É importante fazer a repetição das atividades para que o aluno possa compreendê-las melhor, ele não compreende na mesma proporção que as compreendemos, portanto é necessário estimular a sua compreensão fazendo a repetição das atividades. Quando uma atividade é proporcionada ao aluno o docente deve estar em contato direto com o aluno para chamar a atenção dele para as atividades. Ao executar atividades que os alunos gostam, é mais fácil ter a atenção do aluno e, apesar da dificuldade, apresenta maior concentração, o docente deve procurar enriquecer a comunicação entre ele o aluno, ter uma voz clara e tranquila e tornar o dia a dia mais agradável.

Figura 7 - Cubo



Fonte: <https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fflarmontessori.>

As pranchas são materiais didáticos criados pelos professores tanto da sala de aula regular com da sala de AEE¹⁵ para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos que frequentam a sala. Geralmente, cada aluno tem 30 minutos de atendimento na sala de AEE, duas ou três vezes na semana, de acordo com a programação de atendimento, no mesmo horário das aulas.

Figura 8 - Prancha para compor as atividades e livro de atividades Montagem de objetos



Fonte: Acervo da autora

Esses materiais são utilizados tanto dentro da sala de aula como na sala de AEE. Na entrevista feita com uma professora do AEE (Colégio C), perguntei como é o processo de socialização e o que era feito para incluir o aluno com Transtorno do Espectro Autístico dentro da sala de aula. Ela respondeu que:

“O processo de socialização e interação é lento, principalmente se tiver um grau de comprometimento grave, se for um aluno que se desregula facilmente, grita muito, ou se auto agride, chamando muita atenção, mesmo sem preconceitos as crianças se afastam pelos comportamentos que apresentam. São alunos que na maioria das vezes se isolam, não sabem brincar em grupo, e muitas vezes não compreendem as brincadeiras, precisam ser ensinados a brincar e a interagir. Eu faço todo um trabalho de sensibilização, conto histórias com temática das diferenças, apresento filmes sobre o assunto, faço dinâmicas que ajudem os alunos a refletirem sobre a questão e procuro ter um trabalho articulado com o professor da sala regular, pois ele dará continuidade no cotidiano da sala”. (Entrevista com a professora do AEE)

Segundo Cunha (2011), o aluno com autismo jamais poderá está privado da interação com os outros e de aprender em grupo, porque a sua autonomia e socialização são importantes ganhos que ajudam no desenvolvimento pessoal, interpessoal e cognitivo.

¹⁵ Atendimento Educacional Especializado

Observando a classe, percebi que mesmo os alunos se afastando na hora em que está agitado, os alunos se afastam com medo de que lhes aconteça algo, mas quando o autista está mais tranquilo eles voltam a se aproximar. Além de que se deve ter a intervenção do adulto para aproximar os alunos do aprendente autista.

Os alunos autistas tem fascinação por objetos que balançam ou rodam, pois é a repetição do movimento do objeto que atrai sua atenção. É através desse fascínio dos alunos que o professor deve trabalhar ensinando a forma correta do manuseio do objeto, deve-se ter paciência porque o resultado não é imediato, os autistas são muito sensíveis e sentimentais, não se deve tomar o objeto arrebatando das mãos deles, consiga a confiança deles e com cuidado oriente-o a utiliza-lo da forma correta.

Perguntei à professora se o aluno tinha atendimento na sala de AEE, qual método utiliza dentro da sala de aula, que tipos de materiais ela utiliza? A resposta dela foi que:

“Eles tem atendimento na sala de recursos e faço a intervenção na sala de aula regular. Eu trabalho pautada nos princípios do Programa TEACCH, na minha vivência de sala de aula. Utilizo materiais diversos para que o aluno se desenvolva no processo ensino aprendizagem. Materiais feitos com sucatas construo as pastas com os conteúdos trabalhados, uso recursos visuais e também utilizo os jogos interativos para facilitar o aprendizado do aluno. Eu confecciono pranchas, pastas, ou mesmo compro materiais que irão auxiliar no processo de alfabetização, no seu desenvolvimento global”.
(Professora da sala de aula)

Cunha (2013) aponta que: “um bom material leva o aprendente a exibir comportamentos e habilidades que vão variando até atingir desempenhos mais refinados” com a utilização dos materiais eles conseguem visualizar, sentir, nomear e perceber as semelhanças visuais e táteis. Com alguns objetos que tem configurações geométricas mesmo que não consiga compreender os conceitos científicos, elas desenvolvem a coordenação motora, o equilíbrio, aprendem o significado de perto, longe, alto, baixo, direita, esquerda, grande e pequeno.

As salas de aulas e a de AEE devem ser aconchegantes, simples, sem poluição visual, para que o aluno não se sinta sobrecarregado. O mobiliário deve ser adequado ao tamanho das crianças, tanto mesas, cadeira e armários devem estar ao alcance delas para que possam fazer o manuseio e assim adquirir autonomia. É na sala de AEE que ele terá um atendimento mais individualizado voltado para as suas especificidades, ao desenvolver as atividades deixe apenas os materiais que serão utilizados nesse momento para que os outros não tirem a sua concentração. É natural, que no ambiente novo ela se sinta desconfortável e agitada,

geralmente as primeiras semanas de aula são movimentadas. Para que o aluno se acostume à nova rotina é preciso que ele permaneça dentro da sala de aula na maioria do tempo, pois se deixá-lo sempre fora da sala de aula ele nunca se adaptará ao ambiente da sala.

Uma das características bem frequente nos autistas é querer correr pelo ambiente em que está, brincar de se esconder e, ao ser contrariado, tentam não sair do lugar, demonstram sua sensibilidade com o choro, deve-se ter paciência, falar calmamente, não falar com tom de voz alterado porque eles começam a chorar, sua audição é sensível e qualquer barulho provoca automaticamente um isolamento das outras pessoas. É necessário seguir alguns passos para que possa alfabetizar o aluno autista:

- Observar com frequência se o aluno está prestando a atenção na aula e conseguindo acompanhar os assuntos.
- Colocar o aluno mais próximo possível do professor.
- Pedir que ele seja o ajudante em algumas atividades.
- Ajude-o para que possa se concentrar por períodos mais longos.
- Estimule-o a trabalhar em grupo para que aprenda a esperar sua vez e pedir ajuda.
- Que o elogie sempre que fizer alguma tarefa.

De modo geral, a sala de aula é um lugar onde o aluno tem contato com outros colegas e professores. Quando eles estão muito agitados o pátio é um lugar de liberar suas energias. O aluno autista não consegue se concentrar em apenas uma atividade e o seu comportamento não lhe possibilita uma interação social de imediato com os colegas, com o passar de algum tempo ele consegue que seus colegas se aproximem, mas antes é necessário explicar a turma porque o colega se comporta daquela forma, para que eles não tachem o colega de malcriado por jogar objetos e bater suas mãos na outra ou contra o próprio corpo e objetos e risadas (estereotípias). Dependendo do grau do autismo cada um vai se comportar de maneira diferente.

Segundo Emillia Ferreiro(1985), o processo de construção da leitura e da escrita resulta da interação entre o indivíduo e a língua escrita como sujeito de conhecimentos. Através de sua pesquisa conseguiu identificar quatro níveis de evolução da escrita e que o fracasso ou sucesso da alfabetização depende do entendimento do nível de evolução conceitual da criança.

O educador deve entender quais os caminhos que a criança percorre para estabelecer e compreender o processo de construção do sistema. O primeiro é o nível pré-silábico, quando

a criança não diferencia o desenho da escrita, pensam que os desenhos dizem os nomes dos objetos. O segundo nível silábico - a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, cada letra vale uma sílaba utilizando tantas letras quantas forem as sílabas das palavras. O terceiro nível silábico - alfabética é a fase da transição entre o silábico e o alfabético a criança descobre o esquema de letras. Segunda sílaba não funciona e procura acrescentar letras escritas da fase anterior. O último é o nível alfabético é a fase final do processo de alfabetização de um indivíduo, ele é capaz de fazer uma análise sonora de fonemas das palavras que escreve.

O processo de alfabetização é muito mais do que reconhecer símbolos e letras, é saber interpretar o que está a sua volta com a leitura de mundo, como diz Freire (1993). Cada sujeito realiza essa aprendizagem de uma forma diferente. Esse aprender de formas diferenciadas também diz respeito às pessoas com deficiência (PD), que, em decorrência das especificidades de suas deficiências, elas aprendem os conteúdos de forma peculiar e cada uma apresenta características próprias como resposta ao trabalho pedagógico. Portanto, as diferentes deficiências geram necessidades e formas educativas especiais próprias, o que não é diferente em relação às síndromes. Este também é o caso de pessoas com autismo. (Secretaria Estadual de Educação à Distância- SEED, 2016)

A alfabetização é a aquisição do código da escrita e da leitura. Segundo Magda Soares esta se faz pelo domínio de uma técnica, grafar e reconhecer letras, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar, estabelecer relações entre sons e letras de fonemas e grafemas, a criança perceber unidades menores que compõem o sistema de escrita (palavras, sílabas, letras).

Portanto, os autistas são pessoas que só precisam de um pouco mais de atenção e um trabalho diferenciado do currículo que os professores estão acostumados a lidar, pois utilizam um currículo para a turma inteira, mas quando na sala de aula tem um autista, terá que pensar em como vai trabalhar de forma diferenciada o currículo com o autista, aí entra os métodos, qual deles poderá ser utilizado, para isso a professora deve conhecer as especificidades do seu aluno autista.

CONSIDERAÇÕES

A temática inclusão é abrangente e está voltada para tudo e todos. Porém quando se fala em inclusão de alunos autistas na escola, é um campo ainda recente de estudos e algumas análises são fundamentadas na própria vivência. Trazer um diálogo diante da situação de ter em sua sala de aula um aluno autista, de como ele deve reagir, interagir e como proceder diante de tal situação, enfrentando os obstáculos, como trazer esse aluno de fato para a sala de aula. E para o professor é um convite a um novo mundo, em que o profissional pode-se sentir realizado. Portanto a escola é um lugar apropriado para o aluno autista, ou melhor dizendo, qualquer aluno aprende, é nela que ele desenvolve suas habilidades e supera os seus próprios limites. O professor deve dispor de várias condições educativas, se relacionar com a realidade do autista, a educação desse aluno na escola deve ser vivenciada de forma individual tanto na sala de aula comum como na sala de recursos.

Diante de um questionamento surgido no momento em que nos deparamos com alunos com necessidades especiais dentro da escola e da sala, como vou incluir esse aluno na turma, o que vou fazer para que ele aprenda e seja alfabetizado. A primeira resposta que encontramos foi estudar, se especializar e fazer cursos. Nesses momentos de estudo, começou o esclarecimento de algumas perguntas e o surgimento de outras. Quanto tempo vou levar para que o meu aluno aprenda? Daí, surge mais uma inquietação: se meu aluno não fala como vou saber que ele está aprendendo? Com o passar do tempo com os estudos, observações nas salas de aula e a convivência com os alunos percebi que cada um leva seu tempo para aprender, tudo depende do tipo de autismo, do acompanhamento feito tanto pela escola como pelos familiares e do acompanhamento médico.

A inclusão de alunos com autismos no ambiente escolar aborda aspectos das práticas pedagógicas existentes dentro da sala de aula, como os professores, a escola e os pais agem diante desse processo inclusivo. A pesquisa desenvolvida com esses alunos traz para a discussão algumas das suas próprias vivências com crianças autistas. O aluno com autismo aprende, principalmente com o uso dos objetos, sempre algo concreto que a criança deve pegar e sentir. O professor deve estar atento, pois ele inicialmente é quem poderá identificar algumas características pertencentes às pessoas com o transtorno do espectro autista.

Incluir um aluno não significa apenas que ele esteja dentro da sala de aula ou na escola é necessário que a escola se adapte ao aluno, tanto na estrutura como também o currículo, pois dependendo do grau do autismo o currículo precise ser totalmente modificado, porque ele não vai acompanhar os outros alunos no mesmo nível. Contribuindo com essa discussão, Cunha

(2011) acredita que “as condições da inclusão alicerçam-se, também, na forma de construir o currículo escolar, na forma de olhar a escola, o aluno e o professor”.

No contexto do autismo, os professores não têm nenhuma ou quase nenhuma formação, isso dificulta tanto para o professor quanto ao aluno a vivência dele em sala de aula. Que cada aluno tem a sua particularidade, não se tem uma receita pronta de como lidar com esse ou aquele aluno. Após um período de convivência e se o professor estiver atento a esse aluno, ela saberá do que ele gosta e daí poderá fazer a mediação entre ele. É através da observação que o professor se tornará um pesquisador, pois é onde ele vai poder registrar, analisar, avaliar e mediar as ações existentes entre ele e o aluno.

O aluno para ser incluído é necessário que ele participe das aulas, das brincadeiras e esteja o mais próximo do professor para que ele se sinta incluído. Os métodos ABA, TEACCH, PECS quando utilizado de forma adequada e correta traz ótimos resultados. O TEACCH é o mais utilizado, pois desenvolve atividades por meio das figuras. Assim eles aprendem o alfabeto, a fazer seu próprio, nome dos colegas, dos pais e objetos entre outras coisas. Os professores entrevistados nas suas falas e no questionário respondido por eles apontam que os recursos são de alta relevância no processo de alfabetização. O mais importante é que o autista tenha autonomia para desenvolver suas habilidades, socializar-se e aprender junto com seus colegas e professor construindo seu aprendizado. Cunha (2011) defende que: “Incluir é aprender junto”.

Portanto, a pesquisa aponta como nas instituições particulares os alunos autistas são recebidos, a escola busca se adequar às necessidades de cada um deles, porém, em alguns casos, há apenas a integração desse aluno na escola e não a inclusão. Tanto escolas públicas como privadas ainda não estão bem preparadas, mas já há algumas escolas públicas e particulares que estão desenvolvendo excelente trabalho.

Embora tenha consciência de que não há como abordar tudo sobre inclusão e sobre práticas pedagógicas e alfabetização de autistas numa monografia, espero que esta possa servir de inspiração para outros pesquisadores e, para mim mesma, em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Josilene Souza Lima. **A tecnologia Assistiva Digital na Alfabetização de crianças surdas**. In: Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristovão 2011. Disponível em: < <http://bdtd.ufs.br/tdearquivos/10TDE-2011-08-04T091543Z-539>> Acesso em: 15 de Novembro, 2014.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre as necessidades educacionais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL, Ministério da educação. **Lei de Diretrizes Nacionais para a Educação Especial, na Educação Básica. Secretaria de Educação Especial**. MEC, SEESP, 2001. Disponível em: < <http://www.portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em; 15 de Novembro de 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Banco Nacional Curricular Comum**. Brasília, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Secretaria Estadual de ensino a Distância**. , 2016.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**.1988. Disponível em: < http://www.senado.gov.br/legislação/const/con1988/con1988_05.10.1988/art.3º,art.205.art.206shtm>. Acesso em: 15 de novembro de 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientação sobre Atendimento Educacional Especializado na rede privada- Nota Técnica 15/2010-MEC/CGPEE/GAB**. Brasília, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **O ensino e Aprendizagem: os dois métodos**. IN. Alfabetização sem o BA-BÉ-BI-BÓ-BU. São Paulo, Scipione, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Editora Scipione, 2003.

COOL, Cesar. MARCHESI, Álvaro. PALACIOS, Jesus. **Da linguagem da deficiência as escolas inclusivas**. IN: Giné. Desenvolvimento Psicológico e educação. Porto Alegre, Artmed, 2004.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2011.

CUNHA, Eugenio. **Autismo na escola: Um jeito diferente de aprender, Um Jeito diferente de ensinar**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2013.

DUBOC, Maria José Oliveira. **Formação do Professor, Inclusão Educativa: Uma Reflexão Centrada no Aluno Surdo**. Feira de Santana. Sitientibus, n. 31, p.119-130,

jul./dez. 2004. Disponível em:< [http:// www.sitientibus.br](http://www.sitientibus.br)> Acesso em: 18 de dezembro. 2014.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1985.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **A Inclusão Escolar de Alunos Surdos: O Que Dizem Alunos, Professores e Intérpretes Sobre Esta Experiência**. Campinas. Cad. Cedes, Vol. 26, n.º. 69, p. 163-184, maio/ago.2006, Disponível em:< <http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 15 novembro, 2014.

LEI n.º12.764, **Institui a Política de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da lei n.º 8.112, de 11 de dezembro de 1990**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil>>. Acesso em: 15 de set. de 2014.

SANINI, Cláudia. **Autismo na Educação Infantil: um estudo de caso longitudinal sobre a competência social as criança e o papel da educadora**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, 2011.(Tese de Doutorado).

SOUZA, Rita de Cássia Santos. **Educação Especial em Sergipe: Uma Trajetória de Descanso, Lutas, Dores e Conquistas**. Aracaju, Universidade Tiradentes, 2005.

SOUZA, Pedro.M.L. SANTOS, Isabel M.S.C. **Caracterização da Síndrome Autista**. Universidade de Coimbra. 2005.

PRAÇA, Élide Tamara Prata de Oliveira. **Uma Reflexão acerca da Inclusão do aluno autista no Ensino Regular**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Abril de 2011.

ROHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora: Massangana, 2010.

APÊNDICE

Questionário

- 1- O senhor (a) em sua turma teve algum aluno autista antes de trabalhar nesta instituição? Comente como aconteceu seu primeiro contato com alunos que apresentavam o transtorno do Espectro Autístico.
- 2- Como o senhor (a) recebeu a notícia de que em sua turma haveria alunos com transtorno do Espectro Autístico? Fale um pouco sobre esse momento.
- 3- O senhor (a) consegue identificar algumas características presentes em crianças com o Transtorno do Espectro Autístico?
- 4- O senhor (a) observou o comportamento do aluno com o Transtorno do Espectro Autístico depois do contato com o ambiente escolar? Como foi essa observação.
- 5- Como é o processo de socialização dos alunos com Transtorno do Espectro Autístico dentro da sala de aula?
- 6- O que o senhor (a) faz para que o aluno autista seja aceito e interaja com os demais colegas pelos demais colegas da sala de aula?
- 7- O aluno com o Transtorno do Espectro Autístico acompanha o currículo proposto para a turma ou necessita de ser adaptado?
- 8- O senhor (a) mantém suas estratégias diárias ou modifica-as quando necessário?
- 9- O aluno recebe atendimento na sala de recursos? Ou apenas nas suas aulas?
- 10- A senhor (a) confecciona matérias para ajudar no processo de alfabetização dos seus alunos autistas? Como eles lhe auxiliam?